

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 4 DE FEVEREIRO DE 1888

DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 159

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,  
Leopoldo Cabral e Candido Jucá

## SUMMARIO

Expediente.....	
A «Semana».....	O director
Historia dos sete dias.....	Góth
Latet angula, poesia.....	Augusto de Lima
Civilização hybrida.....	Candido Jucá
A poesia em suas relações com a função gene- sica.....	Araripe Junior
O dia desejado, soneto.....	A. de Oliveira
Galeria alegre.....	Macae
Poetas mineiros.....	Lafayette de Toledo
Desejo santo, soneto.....	H. de Carvalho
Hysterica.....	Lahore
Judith, soneto.....	I. Martins Junior
Idyllio agreste.....	Analia Franco
Notas bibliographicas.....	Lho
Nem viver nem morrer, soneto.....	E. de Barros
Geoffroy Rudel e Milli- sanda de Tripoli.....	H. de Carvalho
Fugitiva, soneto.....	Guimarães Passos
Collaboração — Contos sin- gellos.....	Lucia
O berço della.....	E. de Carvalho
Theatros e diversões.....	
Factos e noticias.....	
Diversas publicações.....	
Anuncios.....	

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE E NICTHEROY

Semestre.....	48000
Anno.....	88000

#### PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folba.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Vsrissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. Joaé Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Des-terro.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viera.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

## A SEMANA

Rio, 4 de Fevereiro de 1888.

E' ocioso um artigo de fundo para inteirar o publico dos intuitos d'A *Semana*. São conhecidos.

Basta que ella realize materialmente a penitencia da pontualidade, condição positiva de sua existencia.

A impossibilidade organica de uma direcção activa e permanente, oriunda de muitos motivos pode determinar incompatibilidade de acção neste genero de empresas.

Tal foi a razão por que *A Semana* deixou de apparecer por algum tempo.

A nossa gazeta litteraria está de pé, disposta e animada, e espera continuar a merecer o favor publico.

Os poetas, os litteratos e os criticos não precisam de convite escripto para nos honrarem com a sua preciosa collaboração.

Todos os talentos e todas as illustrações que sacrificam ás letras, devem libertar-se do pesado jugo da indifferença publica, procurando accentuar uma função social que entre nós apenas começa a delinear-se: a função litteraria.

A seu turno, *A Semana* está inteiramente disposta a servir de auxilio ao movimento critico e litterario de nossa Patria.

A grave responsabilidade que assumimos, obriga-nos a dizer pouco, a prometter alguma couza e a realizar o que for possivsl.

Como affirmamos, o programma d'A *Semana* continúa a ser o mesmo, com modificações minimas de circumstanças intercorrentes.

A redacção é actualmente composta dos Srs. Drs. Franklin Tavora e Augusto de Lima, conhecidos e consummados criticos e litteratos, e dos Srs. Candido Jucá e Leopoldo Cabral, ficando todo o trabalho de direcção, de gerencia a cargo d'este.

Em sua collaboração figurão os illustres litteratos Drs. Araripe Junior, Valentim Magalhães, Virgilio Brigido, Raymundo Corrêa, Raul Pompea, Aluizio Azevedo, Arthur Azevedo, Silvio Romero, Borges Carneiro, Izidoro Martins Junior, Alberto de Oliveira, Alherto Silva, Guimarães Passos, Coelho Netto, Alfredo de Souza, Viriato Guimarães, Virgilio Varsea, Horacio de Carvalho e Juvenal Galeno, todos vantajosamente conhecidos como festejados poetas, criticos e escriptores de muito merito.

Assim nos apresentamos ao publico.

O DIRECTOR.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Si a semana que findou, não teve uns sete dias tão cheios de acontecimentos, como cheios de grãos foram as espigas gordas sonbadas por Pharaó, não os teve, todavia, tão chóchos e magros, como magras e chóchas foram as espigas que precederam ás gordas. Isto não quer, porém, dizer, que deixe de ser uma *espiga*, e formidavel e gordíssima, o escrever ou esta chronica d'aqui em diante, eu que ainda ha bem pouco me limitava a applaudir enthusiasmado as que escreviam neste mesmo cantinho Eloy, o heroe, Filindal e José do Egypto.

Estes ultimos foram os chronistas da primitiva *Semana*, e aquelle o d'A *Semana* da segunda phase.

Hoje entra este hebdomadario em terceira phase, com a mesma coragem e com a mesma ousadia com que o fez das duas primeiras vezes. E porque não? Será mesmo utopia acreditar que haja aqui gente de hom gosto que chegue para sustentar uma folba litteraria? Talvez não. Demais este povo parece que vai melhorando. O leitor porque sorri? Duvida? Olhe: no salão da Academia de Bellas Artes Rodolpho Amedeo expõe os seus grandiosos quadros—*Narração de Philectas* e Christo em Capharnaum além de outros, e não deixa de ter a contemplal-os, diariamente, pelo menos duzentas pessoas.

Antonio Parreiras exhibe aos olhos do publico as suas magnificas paysagens e, alem de ter quem as contemple com interesse e cuidado, tem schado quem...—o leitor vai arrebrantar de admiração!—tem achado quem as compre! Este facto é extraordinario, hem sei, mas é verdadeiro. D'ahi eu concluo que o zé-povo não é tão mau, como parece; o que elle tem é pouca vista, o que é preciso é que lhe abram os olhos.

Algumas folhas diarias dão-nos noticia do proximo apparecimento de mais dois distinctos campeões da imprensa: o *Delormista* e o *Bellegrandista*, destinados a elevar os meritos das duas actrizes Delorme e Bellegrandi. Em verdade que é de bem nohres intuitos um jornal que se propõe exclusivamente a elevar o merito de alguem, mas... mas será muito triste a situação de seus redactores, si qualquer desses jornaes chega a durar vinte annos.

Estou daqui cheio de magua a pensar nas dificuldades em que verão esses pobres coitados, quando, esgotados todos os qualificativos de que disponham os nossos lexicons, já sem recursos os das outras linguas, quizerem louvar oa encantos da senhora Bellegrandi, ou os primorosos meneios da senhora Delorme.

Ha de ser triste, hade.

Fallou-se muito esta semana do facto de umas hengaladas ou cousa que as valha, applicadas por um official da armada, no costado elegante de um aujeito que tentou manchar-lhe o nome.

Apezar de procurar-se para o official a circumstancia aggravante de fazer-se a companhia de suballernos seus, eu estou, e creio que 99 por cento da população desta cidade, como eu, está a seu favor.

Castigar um insolente é um serviço prestado a muitos.

Que o agradeçam os pais de familia.

Representou-se pela primeira vez no Recreio Dramatico, o *Cachimbo de novô*, comedia em verso, original de Soares de Souza Junior, o apreciado autor das *Rimas por flauta da Gazeta*.

Não assisti á representação, mas dizem-me os jornaes, e m'o affirmam amigo que, apezar de não aer tudo quanto se esperava do autor, é, todavia, essa producção, escripta em versos muito fluentes e muito correctos. O autor prometteu á distincta actriz Ismenia, escrever trahallo de mais follego, em que seja protagonista a referida actriz. Esperamo-lo ansiosamente.

No Lucinda representou-se um novo

acto do *Homem*, intitulado — Congresso dos fazendeiros.

A respeito desse novo acto, que agradeu tanto, quanto os outros da applaudida revista, seja-nos permitido um applauso ao Sr. chefe de policia que, a despeito de opinião contraria de quem vistoriou o Congresso dos fazendeiros, deu permissão para que fosse elle representado.

O veto de um, foi substituido pelo —pas trop de zèle,—de outro. O magistrado independente, sem paixões e sem odios ó digno de applauso, por isso merece-o o chefe de policia.

Uma horrivel catastrophe, a do vapor *Dois de Julho*, cujas caldeiras explodiram, fazendo grande quantidade de victimas.

Dois de Julho era para a provincia da Bahia um dia de risos e de festas: de hoje em diante, nesse dia, por associação de idéas, quantas lagrimas não serão derramadas pelos pais, esposos ou filhos dos infelizes que succumbiram nesse vapor!

Quanto á politica... Por fallar nella: conhece alguém o leitor que seja mais habil politico do que o Sr. Barão de Cotegipe? De certo que ha de lembrar-se, quem lê estas linhas, da enorme aversão que parecia mostrar pelo abolicionismo o esta lo barão. Lembra-se. Pois o presidente do conselho é hoje, do pé para a mão, um dos maiores abolicionistas deste paiz. O Sr. Antonio Prado, ex-ministro do gabinete 5 de Agosto, chefe incontestavel do partido conservador na provincia de S. Paulo, presidente da assembléa da mesma provincia, declarou ha poucos dias que o Sr. Cotegipe tinha um projecto de extincção immediata da escravidão... Quando os abolicionistas, supponho, não se descontentariam se fosse approvado um projecto extinguindo a escravidão em 89, anniversario da grande revolução franceza, (já dizer do mundo), eis que o mais intransigente de seus adversarios vai além de seus desejos, fazendo-o immediatamente. Verdade é que tantas coisas têm sido vistas...

O Sr. Moreira de Barros não está abi? Aquelle homemzinho feroz, quasi do tamanho do tympano, que tangia quando presidente da camara dos deputados, não tomou assim subitamente as proporções de gigante? O Cinabro caprichoso e intratavel não se fez, repetindo sinceramente o —*poeniet me*— um benemerito entre os benemeritos? Quem sabe se o barão de Cotegipe quer seguir-lhe os passos?

Para mim, o barão é antes de tudo um verdadeiro —*alho*, mas um alho que vale por uma restea delles. Haja vista a escolha senatorial do Rio, em que elle, codilhado na pessoa do seu candidato, attribuiu essa escolha como feitura exclusiva do throno, sem a menor intervenção do governo.

Agora abi está a lista de Minas: vem nella o nome do Sr. Cesario Alvim, candidato que, a ser feita justiça, deve ser o preferido. Não intervirá agora o presidente do conselho? Eu, no seu caso, não intervinha para mostrar que não tinha medo, e que, a respeito de palavra era como Epaminondas.

Houve um suicidio muito notavel, não tanto pela: circunstancias em

foi executado, como pelas condições de quem executou. Effectivamente: o suicida foi uma criança de 14 annos.

Quatorze annos! Quantas reflexões philosophicas poderiam ser feitas sobre a indole, o caracter, o sentimento desta criança que, na quadra mais bella da vida, na época das aspirações, aperta uma corda á garganta e procura a morte, asphyxiando-se! Quantas cogitações nos poderiam atravessar o espirito, si o facto não fosse por si só tão lamentavel e triste, que diante delle emmudeça a voz mais eloquente, vacille o espirito mais calmo e mais forte?

Nas *Allucinações*, esplendido trabalho inaugural, apresentado á Escola de Medicina pelo Dr. Alberto Conrado, talvez que se encontrasse alguma cousa que tivesse bastante applicação neste caso de suicidio. Ah! ver-se-ia que, talvez, essa criança fosse uma allucinada, um caso pathologico, cuja manifestação revelou-se pelo suicidio. Si esse menino vivesse, si nelle se conservasse inculhado o mal, não poderia depois manifestar-se este por forma mais cruel e mais triste? Quem sabe se o suicidio não foi a forma mais benigna por que se revelou a sua lesão cerebral?

Está feita a chronica da semana. Que me releve o leitor, attendendo a que estreio hoje, algum *acanhamento* e *commoção* que se manifestem nas linhas supra.

Termina a semana uma questão de necrologio feito por um distincto jornalista a um amigo que, apesar de seus 76 janeiros, conservou-se sempre elegante, correcto, aprimorado. Eram estes os titulos do finado? Ah! souvenir! souvenir! dormias, porventura? Ou te dispões a pôr de parte todas as *fanfreluches* do teu estylo adocicado para emngar a *Epochá*; esta *Epoca* que tem agora segura as orelhas do *Diario*?

Trata-se de elegancia e tu te calas, falla-se em correção e te conservas em silencio... Já não és mais Souvenir!

GEVE.

## LATET ANGUIS

Não vos fleis muito em flôres:  
Ha no jardim mais ameno  
Junto ao aroma o veneno  
Entre as delicias—as dôres.

Da rosa o espinho pungente  
Por certo é monos nocivo  
Do que o perfume expressivo  
Do philtro, que traz latente.

A cada gota de prata  
Que serve a flôr, se mistura  
Uma complexa tintura  
Que ora alimenta, ora mata.

No calix ás vezes corre  
Convertida em mel, mas vêde:  
Insecto que tenha sêde  
E venha a bebel-a, morre.

Mal sabeis, frageis creanças,  
Que as innocentes capellas,  
Com que, para embellece-las,  
Toucaes as virgineas tranças,

Que as plantas que cultivastes  
Com vossos fransinos dedos,  
Contem terriveis segredos  
De chimica, em suas hastes.

Mal sabeis (ingenua sorte!)  
Que vossa irmã linda Flora,  
Filha do sol e da aurora,  
E' perida mãe da Morte.

AUGUSTO DE LIMA.

## CIVILIZAÇÃO HYBRIDA

Constantemente dá-se e reproduz-se entre: nos uma anomalia muito para ser assigualada.

Um phenomeno caracteristico, symptomatico do pequeno grau de avanço que levamos em nossa singular civilização, que em ultima analyse ainda é ficticia e hybrida.

Procuremos um homologo.

Sabe-se que os enxames de borboletas, por mais bellas e por mais doiradas que ellas sejam, só vivem o tempo bastante para morrer. D'ahi, considerar-se o mimoso lepidoptero como o symbolo vivo da inconstancia e da volubildade.

Pois bem: entre nos a arte é uma borboleta.

Como tal, pôde ter passado pelas successivas metamorphoses de larva e de chrysalida, mas só integra a sua evolução precisamente para desintegrar-se acto continuo.

No Brazil a vida artistica, a vida litteraria, na accepção genuina da expressão, não figura no rol das utopias pela consoladora razão de quasi fluctuar ao nivel do ridiculo.

Quando muito concede-se-lhe a fortuna de vagir.

A inclemencia deletéria de um ambiente moral confinado; a azafama um tanto grotesca do progresso de cobolas que, honra lhe seja, já chegou á marayilha de enantecer; a mortalla denominada indifferença publica e o esquite chamado egoismo individual; a nunca assaz famigerada ignorancia das *camadas sociaes*; o esphacelo dos proprios elementos de arte, refractos e dispersos pela immensa região do paiz; tu lo isso e quejandas causas chegaram a por no producto das aspirações litterarias desta terra um zero pyramidal.

Mas isso não é tudo.

Roma deu-nos a civilização antiga representada em Cesar e o novo imperio do Occidente deu-nos a civilização feudal figurada em Carlos Magno.

Pois tambem a alchimia não nos podendo arranjar a famosa pedra philosophal para o duplo fim de engarrafar a nossa bella juventude eterna e de transmutar todos os metaes no fulvo metal que o mundo rege, acertou de nos presentear pelo orgão respeitavel do senhor Razi com o que ella encontrou de mais catbolico: o acido sulphurico ou H<sup>2</sup>SO<sup>4</sup>.

E dicto e feito.

O que é certo é que a tal descoberta estava destinada, mais dias menos dias, a riscar do mundo a bussola, a polvora, a imprensa e todos os grandes recursos de que a actividade humana tem lançado mão para expandir-se, como de alavancas, e hoje dá o grau de progresso material de um povo no conflicto da civilização.

E', pois, sm nome da civilização, do

acido eulphurico e do carbono que os eenhores litteratos são intimidados e conjurados a definitivamente abrir mão de suas notaveis panacéas.

Estamos na vida *pratica*: Menenio Agrippa tem a palavra para contar de novo o Apologo dos Membros e do Estomago.

O nosso progresso é um progresso de *bric-à-brac*.

Se quizerdes podemos recitar-vos de côr e salteado um capitulo inteiro de clinica industrial.

E' só pouco? E' só isso ó que sabemos e é só isso o que é preciso saber.

O nariz acaba onde o prato começa. Um limita-se com o outro.

O homem vive só de pão.

A sciencia tem para nós a inestimavel vantagem de andar de rojo, para que não nos transviemos um ponto só da solução pratica de todos os problemas da vida. A theoria evidentemente é uma patada. O empirismo é tudo, é um ovo.

Depois da sciencia vem a industria. Eis ahí os dous polos da vida humana.

A sensibilidade natural não existe, é uma chimera. Os nervos são feitos de mucosas e de musculos.

Conclusão logica: Baumgarten foi um lonco mettido no hospicio de sua Esthetica.

Para que é que serve a esthetica, a philosophia da arte?

Que nos corste, ainda não serviu até hoje para cousa alguma.

O que então é que desejam os senhores theoristas, os senhores poetas, os senhores litteratos, os senhores criticos? Rhetorica, simplesmente rhetorica.

O mundo vive flagellado pela vorragia do proximo.

Não ha ligação possivel nem correspondencia provavel entre as series subjectivas e as series objectivas da sciencia humana, para que haja theoria.

Não ha enthusiasmo, inspiração, lyrismo, para que haja poetas.

Não ha espirito social a photographar, para que haja litteratos.

E muito menos criterio scientifico, para que tenhamos criticos.

Só aceitamos o que rabeia, o que anda terra a terra.

Felizmente hoje já não poderiam mais existir os taes seculos de Pericles, de Augusto, de Leão X e de Luiz XIV. O 10<sup>o</sup> sim, porque foi o seculo de ferro.

O que é que temos com Homero, com Eschylo, com Sophocles, com Phydias, com Praxiteles?

A que proposito vem Dante, e Miguel Angelo, e Raphael, e Camões, e Tasso, e Shakspeare, e Goethe, e Hugo? e com outros?

Obsessão fatal! Ironia pungente!

Sabe-se que são tres as nossas faculdades cerebraes, as quaes, em ultima analyse podem reduzir-se a uma só—actividades.

Essas tres faculdades constituem fundamentalmente a natureza humena.

O homem só está no gozo o na plenitude de sua força e ds sua liberdads moral quando pods viajar entro ellas a seu talante.

O aperfeiçoadamente maximo da individualidade humana nada mais nada menos é do que o possivel desenvolvimento accorde da intelligencia, da sensibilidade e da actividades. Mas a partir de nossa entidade individual e por uma progressão crescente, constituem-se a entidade collectiva da sociedade, que, por isso mesmo, é um organismo vivo, composto de unidades vivas.

Assim e analogamente, o desenvolvi-

mento maximo da sociedade, ou a sua civilização, deve ser fatalmente o progresso accorde e simultaneo da sciencia, da arte e da industria.

Fora disso, tudo é absurdo.

Toda civilização que não representar esse caracter de triplíce alliança e que delle se afastar em linha obliqua, é uma civilização hybrida.

Nesse caso está a nossa.

Não ha hypothese de se fazer isso por menos em quanto a logica não tiver um par de meletas, por isso que em todas as manifestações consciêntes da actividade social, materiaes ou mentaes, praticas ou theoreticas, o que se exige como principio universal de criterio é a fatalidade da logica e a racionalidade da natureza humana.

É correnté em sociologia que o progresso social pôde desviar-se pela força da intervenção premeditada, mas tambem não é menos correnté que elle jamais será definitivamente transviado.

Em certos casos a intervenção consciêntes pode produzir eclipses parciais na historia modificando o curso normal das cousas e dos acontecimentos e apagando por meio do preconceito e por meio da educação a trajectoria que tinha de ser descripta para que se atingisse uma condicção melhor para a humanidade. Mas esse estado anormal é transitorio e pela força mesma de successos posteriores elle tem de ruir por terra.

Ainda bem.

Para que não se cave uma solução de continuidade entre a serie scientifica e a serie industrial, é preciso que se lhes intercale pela ordem logica a serie esthetica.

Ellas tres caminham de braço dado, parallelamente, sem discrepancia e sem attrito, numa perfeita e intima correlação de intuitos e de fins, respectivamente.

Proscreever qualquer uma dellas seria amputar o genero humano e deitar pela janella fóra o immenso patrimonio material e moral que muitos seculos de luctas tem accumulado vasculhando no chaos das trevas a materia prima da luz.

A uma civilização hybrida oppõe-se uma civilização racional, e aquella em face desta é sempre uma contradicção flagrante pelo seu movimento retrogrado.

A passagem ascencional do homogeneo para o heterogeneo, a consequente divisão de trabalho e a successiva differencição de funções, sempre no equilibrio condicional da ordem, eis o modo perfeito como realiza a sua evolução o progresso humano, o progresso universal.

CANDIDO JUCA'

#### A poesia em suas relações com a função genésica

Não ha duvida que uma irradiação vai pelo universo, exaltando, de horizonte em horizonte, o movimento e integrando a vida; e não foi se não por uma especie de anticipação do espirito inoderno, que o poeta da *Divina Comedia* attribuiu toda a direcção da machina celeste á contracção do amor—daquelle

*Che tuto muove,  
Per l'universo penetra; a risplende  
In una parte più e meno altroce.*

Com effeito, quem ó que, atten lendo ao espectáculo da vida com o espirito

preparado pela synthese; quem é que, abandonando por um instante essa familiaridade obscurecedora da vida pratica e diurna, não reconhecerá incontinenti que tudo neste mundo se reduz a uma successão de polarisações, e que essa machina insondavel, de que somos diminuta parte, é o producto de uma contracção da materia?

Bastaria que esse facto podesse traduzir-se directamente em uma expansão de ordem inteiramente psychica para que a poesia estivesse explicada como a propria ordem do universo. Não ha observador, por mais fraco que seja, que não se tenha impressionado, mais de uma vez, com a vibração que percorre a região do seu habitat, desde que se manifestam phenomenos atmosfericos depressivos ou vice versa, e que todo ambiente, inclusive as especies vegetaes e animaes e o homem mesmo, entrando no accordo geral, ategram-se, ou enristecem, adolecem ou envelhecem, como se tratasse do qualquer organismo physiologicamente determinado pela sciencia. Não é verdade que em certos momentos a natureza como que entra em uma symphonia? N'um perimetro dado, pelo menos, quando crescem as condicções de vitalidade, quando os parenchymas dilatam-se, expandem-se, quando o que bem se pôde chamar o *grande sympathico* da região, permite a exaltação das forças em repouso e das faculdades em acção e coordena a consciencia do lugar, é para mini facto certo que, no conjuncto indielicivavel de tudo quanto alli existe, consciêntes ou inconsciêntes, ha um austro indefinivel para o movimento, e raro é que este austro, desprendendo-se em um *crescendo* energico, não se traduza por lúz nas manifestações luminosas do sentimento da *solidariedade terrestre*. Quantos poetas não tem sentido, embora vagamente, a presença dessa onda na multiplicidade dos phenomenos exteriores; quantos outros não tem mesmo descripto, com variada nomenclatura e imagens abstruzas, as oscilações dessa electricização, as cambiantes dessa portentosa circulação de vida!

Entretanto o que é exacto é que um só atomo, uma só molecula, um só vivente não escapa a esse movimento clinico; e momentos ha, em que, por uma especie de hyperestesia dos nossos sentidos, acompanhando a escala zoológica em toda sua extensão chegamos, com um pequeno esforço de attenção, a discernir todas as gradações daquelle *crescendo*, desde as manifestações automaticas dos mais baixos representantes da especie, até as rutilantes elações do genio do homem, que, sentindo a força, projecta-se na linha indefinida das aspirações de augmento e de capacidade cerebral, como um instrumento complexo e timbrado a repercutir todos os sons e adesferir todas as harmonias imaginaveis.

Estes phen menos, todavia, referem-se ao estado physiologico da machina humana e ao equilibrio da machina universal em sua coincidência com todos os movimentos que a ella se subordiuaam.

Antes, porém, de passar adiante, não seria fora de proposito lançar as vistas ligeiramente para o avesso da medalha, e considerar a parte nocturna do assumpto, isto é, aquillo que pode-se propriamente classificar como excepções ostas ao movimento como embaraços

de integração, ou melhor — como casos de retroacção na marcha parabolica da vida. Quero referir-me a teratologia do amor — aquillo que, applicado ao universo, se poderia chamar *lei da intercorrença* diffusa, e que, limitada ao homem, denomina-se *erotismo*.

Binet em um recente trabalho intitulado *o Fetichismo no amor*, (\*) tratando da especie com rara felicidade designa sob o nome de *ruminantes eroticos* os individuos que, perdendo a noção equilibrada da força, cedendo de mais em mais a propulsão vital, hypertrophiam toda a sua acção na directiz de uma tendencia exclusiva, e muitas vezes em uma subdivisão dynamizada dessa tendencia, chegando aos productos de ordem psychica os mais extravagantes, que se possam prever.

« Haveria, diz este autor, um interesse immenso em mostrar como certas pessoas conseguem satisfazer as suas necessidades geniticas construindo e amontoando na cabeça os mais disparatados romances de amor, substituindo uma sensação por uma imagem, em consequencia de não poderem permitir-se a sensação que acompanha a aproximação sexual.» Não ha quem desconheça os episodios de D. Ceazar de Bazar a degustar cartas de namoro que não lhe foram dirigidas ou a aspirar voluptuosamente as emanações do uma cozinha cujos acápices não lhe chegarão aos labios; o desde o hypocondriaco, citado em mais de um livro de observações clinicas, que, indifferente a mulher propriamente dita, se entregava aos maiores delirios eroticos apenas via os pregos de uma botina de senhora a Luiz XV desde os possessos de *carphophagia* os fetichistas dos olhos, os adoradores de mãos delicadas, os fanaticos por pés mignons, até os idealistas ou grandes fetichistas symtomaticos, taes como Abeillard, Tasso, S. Thereza, J. J. Rousseau e outros muitos delirantes, de que fallam os annas pathologicos dos nevrosiacos, encontra-se uma successão de nuanças, em que facilmente se conteriam muitas hypotheses, muitos casos, que, quer na vida commum, quer na litteraria, andam por ali a exigir da critica uma classificação muito differente daquelle com que ainda hoje se apavonam.

Não é o erotismo que reside a poesia, nem nas deliquescencias, nem nas depravações da natureza; como tambem não é o pessimismo que se ha de procurar o diapasão da esthetica contemporanea.

(\*) *Revue philosophique*; fasc. de set., 1887.

ARARIPE JUNIOR.

#### O DIA DESEJADO

Lá vem, depois de tantos, esse dia  
Tão desejado, em que, por fim, te vejo  
Minha e ao desejo meu se une o desejo  
Que, intuitivo e vago, o teu amor nutria.

Abracemos-nos doudos de alegria,  
Beijamos-nos... Que doce o rumorejo  
Por nossos labios do primeiro beijo  
Repassado de calida harmonia!

A meu braço te vás caminho em fóra  
Da vida. Em flores nos festeja aberto  
O campo, em luzes nos festeja a aurora;

Mas de tanta ventura duvidamos,  
E, olhos postos no céu, vendo-o deserto,  
Vemos que é sonho o dia que esperamos

ALBERTO DE OLIVEIRA.

#### GALERIA ALEGRE

##### I

O TELHA

Não é Telha — é uma tulha de graça  
Muito fino no espirito e muito grosso  
no corpo, muito leve no estylo e muito  
pesado de membros.

Tem graça e graisse — tem Macaquinhos no Sotão e macacoas ás vezes.  
Dizem que o seu coração é enorme — não pode ser maior do que a cabeça — ama e affirmam que é um iman.

Adora as telas e para telas dá tudo.  
Tem muito gosto e gasta muito por isso de Agosto em diante é um inverno de suor.

Escreve as Notas Politicas e brinca como uma criança com os Macaquinhos que são os seus leaes companheiros.

Tem apenas um desgosto: — o de não ser magro como o *Varias*.

De resto bom typo.

##### II

O VARIAS

É uma avaria. Parece feito de espuma... de sabão caboclo. É imperpigado e branco chega a ser transparente. Anda com um paletot que parece um sudareo.

De longe parece uma couve-flór em conserva. De perto é um espargo.

Fez versos quando Noé começou a arca. Dizem que toma a serio o amor. Em pequeno recitou ao piano. Ceia cangica.

Adora o Armando Sylvestre e não admite litteratura no paiz.

Zangar-se! nunca se *amofina*...

MACIE.

#### POETAS MINEIROS

##### III

BASILIO DA GAMA

Vamo-nos hoje occupar, postoque succintamente, com um illustre contemporaneo de Durão, de Antonio Diniz da Cruz e Silva, de Pedro Antonio Corrêa Garção: vamo-nos referir ao auctor do poema heroico *Uruguay*.

Continuador da escola iniciada por Frei José Durão, foi este poeta o que melhor, depois de Luiz de Camões e antes de Filinto Elysio, conheceu e poz em pratica todos os segredos da barmonia imitativa; por isso muito têm que aprender os cultores da boa poesia em sua lição, aos quaes a recommendo como a de um classico. (1)

A trilha aberta pelo auctor do *Caramarú* foi-lhe ensejo para proseguir imperterrito na jornada da poesia americana. E a prova de que caminhou altaneiro, glorioso, perlustrando sua passagem, ali a temos com a publicação do *Uruguay*.

José Basilio da Gama, filho do capitão-mór Manoel da Costa Villas Boas e de D. Quiteria Ignacia da Gama, nasceu em S. José do Rio das Mortes no anno de 1740 e falleceu em Lisboa a 31 de Julho de 1785.

Occupou posição saliente na sociedade, sendo nomeado official da secretaria do marquês de Pombal, então primeiro ministro, a 25 de Junho de 1774, e escudeiro-fidalgo da casa real por alvará de 6 de Agosto de 1787. Alem de cavalleiro da ordem de S. Thiago; foi socio da Arcadia Romana desde 1763,

(1) Sotero dos Reis, *Litteratura*, tomo IV, pag. 201.

eob o pseudonymo de *Termindo Sipiño*, e correspondente da Academia Real de Sciencias, de Lisboa, desde 11 de Fevereiro de 1795, isto é, pouco tempo antes da sua morte.

Desprovido de meios que o ajudassem nos estudos, foi José Basilio educado no collegio instituido pelos jesuitas no Rio de Janeiro e a expensas destes mesmos religiosos. Tal desenvolvimento demonstrou em os seus estudos, que os padres da Companhia cuidaram desde logo de o attrair á sua ordem. Não seriam elles tão papalvos que deixassem por ali a perder uma intelligencia aproveitavel ao serviço de sua causa, da causa sempre santa de seus lucrativos interesses. Foi, portanto, lançada a roupeta nos hombros de José Basilio. Mas ah! muito em tempo chegou á côrte o decreto que extinguiu a portentosa Companhia de Jesus! Muito a calhar chegou o veredicto abençoado que destronava Torquemada, abatia os principios egoisticos de Ignacio de Loyola, para vingar os supplicios de Antonio José da Silva, de João Hus, de Giordano Bruno e de tantos outros! Após a dissolução da sociedade, teve o poeta de optar por uma modesta congrua, continuando contudo, seus estudos com novos mestres, livre dos balandras e do mando assás oppressivo daquelles padres, posteades unia até então reconhecida como tal em todos os Brazis.

Concluidos que foram os seus estudos, seguiu o joven ex-jesuita para Roma, no intuito de se aperfeiçoar nas bellas letras. Em a metropole do Orbe Christão cursou a litteratura italiana, e, por uma distincção ao seu riquissimo talento, mereceu ser admittido na Arcadia Romana. Depois de haver occupado uma cadeira de lente em certo seminario, passou de Roma para Napoléese, de lá para Lisboa, a fim de voltar á patria que tanto estremecia. Mas, triste decepção! o seu regresso lhe guardava duros dissabores. Em chegando ao Rio de Janeiro a intriga para logo tratou de o denunciar como jesuita, e sendo preso foi enviado para a capital portugueza, onde o tribunal da inconfiança o esperava com suas garas aduncas a fim de, depois de julgado, ser enviado para Angola.

«Nesta extremidade recorreu o poeta á sua musa, e fez um soberbo epithalamio, em que, entre os louvores que tributou ao marquez pela reedificação de Lisboa, applaudiu a queda dos jesuitas. Esta poesia valeu-lhe não só a graça do marquez, (2) que, reconhecendo-lhe o talento, e sobretudo quanto podia servir para a justificação de sua politica um ex-jesuita, que reprovava os planos ambiciosos de seus confrades, começou a tratá-lo com affabilidade e distincção.» (3).

Grato ao estímulo do ministro de D. José I, José Basilio resolveu concluir o seu poema, que já havia d'antes esboçado, e cujo assumpto era a obediencia ao governo portuguez dos povos de Missões, ou a extincção do poderio jesuitico naquellas terras. A conclusão do *Uruguay* deve o poeta a illimitada confiança de Pombal, que o fez official da secretaria, e depois conseguiu sua nomeação para o cargo de esculdeiro-fidalgo, signal certo de que á piedosa D. Maria I tambem não deixou-se desagradar.

LAFAYETE DE TOLEDO

(2) Refere-se ao marquez de Pombal.  
(3) Sotero dos Reis, *Litteratura*, tomo LV, pag. 204.

## DESEJO SANTO

Vem! Como a noite é fria e longa!... Atroz inverno!  
Meu leito guarda ainda o teu logar vazio;  
Vem, pois! Sé minha noiva! Arranca-me este inferno  
de um desejar sem fim, de um negro desvario!

Vsm! Dá-me a tua mão! o teu amor tão terno,  
que não sei quem formou tão puro e tão macio!  
Vem, formosa, estancar este gemer eterno  
de um coração que é teu, que a mais ninguém confio!

Serás a boa amiga, a estrella companheira  
no umbroso tactear da existencia — profundo  
abysmo em que me engolfo em lucta passageira

Serás a minha santa! o meu amor fecundo,  
a luz que tanto anhele e que a existencia inteira  
ha de me illuminar na escuridão do mundo!

S. Paulo.

HORACIO DE CARVALHO.

## HYSTERICA I

ELECTRICOS

Passara o dia aborrecida. Uma negra tristeza esmagava-lhe o coração. Não quizera almoçar. Ao jantar tomara apenas uma aza e algumas gottas de vinho do Rueno. De quando em vez, por todo o seu corpo, corria um estremecimento, como um sopro rapido pela superficie do tanque.

Tudo lhe parecia indifferente: o seu canario, o seu piano, as suas flores. Por vezes abriu um livro e tentou ler. Seus olhos resvalavam sobre as paginas, e nenhuma idéa prendia-lhe a attenção. Uma distracção invencível! E tudo por causa de uma maldita historia, que lhe contavam pela manhã quando fora ao leite...

Já outro dia passara mal, com uma horrivel crise de nervos, por causa de uma historia semelhante... Não sabia para que lhe contavam cousas desta ordem, que lhe faziam tanto mal!

Mas tambem o seu noivo era o seu noivo; e pois não tinha que andar por ahí a fazer a corte a cantoras! Era massante isto! Elle bem devia saber quanto é doloroso para uma mulher ver o eleito de seu amor barateado, exposto... Quizera-o n'uma grande elevação, a quo só ella, ella sómente, podesse attingir com a sua irradiação. Era ciume? Mas neste caso o ciume é uma cousa bem elevada; é uma alvura que tem horror ás nodoas; é uma aza que se debate para fugir á lia, para escapar á vasa. Ella defendia o seu sonho, nada mais. E tinha razão. Amava elle o cantô, a musica? E não era ella tão eximia cantora? não tinha sua educação tão completa? não era formosa? não o amava com toda a vehemencia do seu systema nervoso, do seu temperamento fortemente impressionavel? Que mais queria? que mais aspirava?...

E ella sentiu então nma tão forte vibração interna, que por pouco não deixou escapar um grito. Retirou-se da saccada com grande oppressão. A luz do gaz da rua sombria incommodava-a. Uma impaciencia mortal estava em todo o seu ser. Sentia-se inimiga de todas as cousas que a cercavam; acha-

va-se má; desejava fugir para bem longe, para onde ninguém a visse; para a morte talvez...

Tinha contudo uma idéa fixa que sobrenadava a toda essa tempestade intima, não como farol, não como uma estrella por cima da borrasca; mas como o vulto obstinado e cheio de sombras do cachopo, sempre immovel, sempre identico, no seio mesmo do marulho.

Era a historia que uma maliciosa contou-lhe dos seu noivo com a Paoli, a cantora da moda! Isto exasperava-a terrivelmente. Queria vel-o para expor-lhe em phrase acerba todo o seu máu proceder, despresal-o; restituirlhe a sua palavra; esquecel-o, esquecel-o!

Soffria uma necessidade doentia, inadiavel, de desabafar-se, de sacudir de sobre o seu coração aquella accumulção de amarguras, que desde pela manhã invenavam-lhe a vida!

Havia uma hora que o esperava; a sua impaciencia recrescia, e dentro da sua alma uma oppressão, como de mil athmospheras, esmagava, moia as fontes do seu ser. Era uma especie de affogo!

— Que impaciencia, meu Deus! E batia com o pé, frenetica, quasi desviada!

Sete horas, oito horas! Afinal sóbe alguém a escada. O coração deu-lhe uma forte paucada.

Chio de sorrisos, com o olhar brilhante, feliz, entrou na sala um rapaz de agradável apparencia, vestido á inglaterra, com uma grande flôr branca na botteira.

Elle recebe-o com tristeza. O sorriso apagou-se nos labios do rapaz. Com a voz mais doce que elle encontrou na gamma de sua garganta supplicou:

— Maria! o que tens tu, meu amor? A moça desatou a chorar sem dizer palavra.

Elle veixou-se muito: quiz chamar alguém, mas ella oppoz-se com um gesto. Silencio. Depois levantou os olhos para elle n'um movimento irreflectido e ficou a fital-o desvairada.

O rapaz, assustado, gritou pela mão d'ella, que estava na sala proxima; mas a sua voz mal tinha virado, quando

a rapariga srgueu-se violentamente, com a mão crispada a comprimir o seio, os olhos grandemnts abertos n'uma expressão louca, e soltou um grito nervoso e rispido, grito de quem se affoga, o qual encheu de um sstrremecimento a sala, a casa toda, fugiu pelas escadas, irrompeu pelas janellas até fóra, na rua.

Todos que ouviram-o tiveram um sobresalto.

Elle procurou amparal-a, mas a infeliz repelli-o com um desabrimento nervoso que o constrangeu.

— Ah!... gritou ainda a pobresinha e estendeu-se redondamente no tapete em violentas convulsões.

A' luz do gaz, eobre o fundo vermelho da alcatafia, ella, vestida de branco, estendida ao chão, parecia uma rola ferida e agonisante,

Na desordem de movimentos mais de um encanto desvendou-se.

O rapaz tinha-se retirado para outra sala, discretamente.

Levaram-a para a alcova. Desapertaram-lhe as roupas, vestiram-lhe um penteador e friccionaram-lhe o peito, os braços com perfumes que impunham o ar da sala. Longo tempo durou a crise, que foi terrivel. As convulsões foram a pouco e pouco desaparecendo: por fim sobreveio uma grande prostração, uma especie de modorra, que mais era um relaxamento dos nervos fortemente excitados, do que somno reparador.

Estava etretanto formosissima assim, com aquelle ar de simimorta, a cabecinha de passaro doente mettida nas rendas do travesseiro, o braço roliço e branco pendido num canção mortal.

Ella era pequena e muito alva; uma creaturinha nervosa e delicada.

Tinha uns movimentos felinos nervosamente rythmados, e uma pureza canora do pintacilgo.

Vião-se-lhe na face pallida uns longes de resa, que trajão a recondita lesão.

A' roda dos bellissimos olhos de corsa tenue sombra de lyrio punha na sua belleza os tons de um romantismo a 1890.

Na pureza da immaculada bocca sentia-se o indefinivel adejar de uma elegia. Era como a tristoza ideal de estrella escondida e solitaria no fundo obscuro dos céos.

Pobresinha! Ainda na noite anterior estivera em casa do Dr. L. Foi nessa occasião que eu tive de vel-a.

O seu noivo, um rapaz, que acaba de cursar direito, espirituoso, alegre, o mesmo que estava agora ali na sala visinha, levou-me pela mão até junto della e apresentou-me.

Achei-a muito amavel, muito original nas suas observações, de uma intelligencia scintillante. Notei porem no seu olhar um que de incerto as vezes. Havia ao canto da bocca, ao fallar, uma covinha de encanto adoravel. Um tic facieiro: simicerrar os olhos para accentuar a phrase. Quando fallava, a perola dos dentes brilhava rapidamente entre a polpa nacarada dos labios. A sua falla era de uma sonoridade harmoniosa de gorgeio, branda e suavissima, como uma cascata de sonhos...

Esteve longo tempo a ouvir-a. Depois vieram buscal-a para o piano. Era uma celebridade essa menina!

Cantou no meio de um silencio cheio de emoções um trecho do Salvator Rosa.

A voz clara, timbrada, extensa, tinha

todas as nuances do sentimento que interpretava. Obteve um triumpho: a sala toda, commovida, applaudo.

Mal sabia a desventurada que dentro de poucas horas todas aquellas felicitações podião transformar-se em um sorriso de piedade para a sua desgraça.

Pobresinha! Agora, alli, no leito a sua garganta encantada tinha a mudez de um *stradivarius* abandonado. Aquella bocca era silenciosa, deserta como a caçoila de que fugira a essencia divina. Bella estatua desfallida!

A mãe, sentada ao pé do leito, tinha entre as suas a mão da filha.

Reinava, em toda casa, um silencio attento.

O pae, na sala, olhava muito triste para o gaz, enquanto o noivo da pobre Maria, meditava encostado á varanda.

Ella, a infeliz menina, socagara; parecia adormecida. Apenas por intervallos, passava um estremecimento, uma especie de espasmo, por todo o seu corpo.

De repente, porem, ergueo-se a meio; apertou fortemente a mão de sua mãe e disse loucamente:

— Não posso... Elle não gosta de ouvir-me... Para que cantar?...

A pobre senhora ficou transida! Sua filha naquelle estado... Procurou redim-la de novo, acariciando-a. Ella, cedeu. Um instante depois:

— Pois bem! Hei de mostrar-lhe... Então viu-se uma couza estranha e dolorosa.

A moça ergueu-se do leito, n'um movimento nervoso, muito pallida; e de pé, junto ao leito, os cabelos soltos, o penteador em desalinho, o braço estendido, os olhos no espaço, tragica, como uma vocação entrou a canção do Salvador Rosa:

Mia ptecerella, deh! viene allo mare.

E quando gorgoeu a ultima copla—

Sul mare è il paraizo,  
Sul mare io vùó morir!

Pendeu, como uma flor, no regaço da pobre mãe, enquanto o pae e o noivo soluçãõ a seus pés desesperadamente.

LAHORE.

## JUDITH

(Inspirações da «Madona do Campo Santo» conto de Fialho de Almeida)

Era uma flor, e consumia as flores;  
Era uma rosa, e mastigava as rosas;  
Tinba na face bistericos falares,  
E n'alma tinha erupções radiosas.

Não sei... Mas acho que bebia aromae  
Em vez de os labios mergulhar em agua;  
Trahia a dor de uma infinita magua  
No arfar veloz das delicadas pomas.

Como era humsna e ao mesmo tempo etberae  
Ah! Como ria a mascara funeroa  
Da sua face, olympicamente bella,

Quando ella via uma roseira branca!...  
Pobre! Era então que uma alegria franca  
Punha arreboes no doce rosto della!

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR

## IDYLLIO AGRESTE

I

A alguns kilometros da fôz do Sapucaby-mirim, para o lado oriental, junto a uma bella propriedade rural graciosamente emoldurada em um circulo de montanhas, via-se a caminhar pelo macadam da sinuosa estrada que conduzia á rustica vivenda, um moço vestido a paisana com elegancia, mas sem affectação.

O caminho desdobrava-se até uma extensão interminavel, ora por entre as avelludadas alfombras, que orlavam a margem do rio, ora a serpear por sobre o dorso de montanhas cobertas da mais opulenta e exuberante vegetação. Começava o horizonte a tingir-se com todos os aureos cambiantes de luz crepuscular, quando elle conseguiu galgar o cumo, algum tanto agudo, de uma collina de consideravel altura, o que tornava-a mais proeminente do que as outras circunjacentes. Nesse aprazivel local parecia reinar uma eterna primavera luminosa.

Alli os festões verdes, esmaltados por milnosas flores de variegado matiz, formavam doceis delicadamente rendilbados, á sombra das arvores collossaes que os abrigavam.

Nada, porém, era comparavel á vista grandiosa e imponente da aprazivel paisagem alpestre, que d'alli se gozava n'um ambiente saturado dos mais suaves e deliciosos perfumes. No espaço comprehendido entre as montanhas e os vrzeados distendiam-se florestas dilatadas em ondulações gradativas por montes, por valles e por altas ribanceiras, até perderem-se no ponto em que a vista já não podia abranger.

Orhystallinas cascatas se despenhavam dos montes e iam espraizar as suas aguas, ora suavemente pelas campinas em alveos de finas areias, orlados de tufas de verdura; ora revoltas, rolavam impetuozas pelos penbascos sussurrantes na sua impotente furia, até sumirem-se nos intimos recessos de grotas mysteriosas e profundas. E lá ao longe, muito longe, alvejante por entre o verde lustroso das Iaranjeiras e dos limoeiros, destacava-se em uma amenissima situação, a agraciada habitação d'onde o moço parecia ter vindo. O sol já quasi occulto dou-rava com os seus ultimos fulgores, de um ouro pallido as proeminencias das serras, ao passo que surgue-se do fundo dos varzedos allumiados por luz esbatida, uma sombra demasiado intensa que lentamente ia invadindo toda a paisagem. O moço que parecia ter-se esquecido de proseguir o seu caminho, deteve se extatico, como se realmente o deslumbrasse o panorama esplendido que tinha ante os olhos, o qual entretanto elle não via, tão absorto estava nas suas tristes cogitações.

Genesio, era o seu nome, em extremo fatigado sentou-se sobre uma pequena pedra musgosa, collocando junto ao tronco de vigorosa palmeira a sua espingarda de caça, da qual ainda se não tinha servido, e nntes pelo contrario d'ella se esquecera completamente, sem embargo de tel-a consigo toda aquella tarde.

Elle era alto, magro, tinha os cabelos e o bigode pretos, a fronte elevada, pensativa e sulcada por signaes quasi imperceptives que pareciam rugas. Nos seus labios assáz descoloridos, pairava um constante sorriso algum tanto des-

denboso que á primeira vista tornava-o pouco sympathico e atrahente.

Quem o observasse porém detidamente, veria na vaga expressão dos seus grandes olhos negros scintillantes, o quer que seja de suave e de mysterioso que prendia e captivava a attenção.

Nas feições desfeitas e sombrias do moço, divisava-se uma extranha expressão de profundo desgosto.

Com a cabeça curvada sobre o peito, meditavn tristemente, em quanto a suavissima melodia d'um sabiá pousado sobre a palmeira vizinha, ecoava-lbe aos ouvidos como uma harmonia extranha; parecendo-lbe que as vibrações d'aquelle canto dulcissimo, reviviam lbe n'alma todas as angustias.

II

Genesio era orphão, nunca, gozara das santas affeições da familia, e nem mesmo conhecera os seus pais. Desde muito criança foi entregue a um tio fazendeiro opulento, a quem tudo devia.

O tio Vasconcellos, tendo em mira fazer do sobrinbo, a quem sinceramente estimava, o esposo de sua unica filha, bem depressa o enviou a um collegio distante, e pouco tempo depois a Coimbra, onde elle recebeu o gráu de bachelarel. Segregado da convivencia dos parentes, acostumado a viver sempre só, a concentrar em si todas as suas impressões, Genesio adquirira o habito da solidão e do isolamento, o que tornara-o um pouco selvatico. Mas atravez da timidez desconfiada do seu character excentrico e concentrado, o tio Vasconcellos reconhecera a nobreza e lealdade da alma generosa e boa do sobrinbo, e sentia-se feliz á lembrança de vel-o brevemente ligado á sua querida Olivia. Desde que lbe morrera nos braços a esposa, todo o seu affecto concentrou-se exclusivamente na filha, que resumia em si o seu universo. Essa graciosa creança de olhos negros, labios nacarados, que desabrochava livremente com toda a exuberante florescencia da sua mocidade; aos quinze annos revolveava ainda pela casa alegre, travessa a sorrir, a sorrir sempre com a angelica e ineffavel candura d'um cherubim de Guido. Nam a perspectiva do seu proximo casamento, nem a presença do primo bachelarel a quem desde a infancia habituaram-n'a a reconhecer por noivo, nada emfim impedia-lbe de brincar descuidosa pelo jardim ou pelos prados correndo apóz as borboletas multicores.

O tio Vasconcellos desejava vel-a um pouco mais grave e seria ao pé do noivo; mas ella é que não estava disposta a desfazer-se dos seus habitos de criança.

Muitas vezes a passeio em volta das plautações, esquecia-se de repente em presença do noivo dos ademanos de senhora, que affectava para agradar ao pae, e pelo mais insignificante insecto, pela mais simples flór sylvestre, galgava destimida as gargantas dos despenhadeiros, soltando uma garga-lhada argentina e doce ao ver os sustos do pae, e a sollicitude do noivo que apressava-se em entender-lbe a mão, como se receiasse a sua queda. A alma ingenua e bondosa da menina desenvolvia-se com todas as bellas qualidades, apazar dos mimos e da excessiva indulgencia do pae, obdiente a todos os seus caprichos.

E' cousa siugular, aquella menina

acostumada á athmosfera do luxo, rodeiada da admiração e lisonjas de todos que a cercavam, jámais e lemb-rara de assumir esse ar desdenhoso e superior, tão commum á nnelles que veem sempre advinhados e satisfeitos todos os seus desejos. O noivo julgava amal-a, e considerava-se feliz a contemplan a suavidade tranquilla da graciosa menina, em cujo semblante irradiava a alegria descuidosa da idade dos sonhos e das illusões.

III

Estavam as cousas n'este ponto, quando um amigo de Vasconcellos, residente na cidade de Campanba, ficou vivo, e sendo-lbe preciso emprebender uma longa viagem foi obrigado a confiar-lbe a sua filha Evangelina, até o seu regresso. A moça era afilhada do pai de Olivia, e tres annos apénas maie velba do que ella.

As duas orphãs apesar da diversidade de idades e temperamentos, não tardarão a unir-se estreitamente ligadas pelos doces vinculos de irresistivel sympathy. Airosa, flexivel e aerea como as virgens de Schuler, Evangelina era de uma consistencia debil e nervosa. E se o destino collocara-a em situação diversa da amiga quanto aos bens da fortuna, em compensação dotara-a amplamente com todos os dons da belleza e graças do espirito.

O rosto d'um oval fino, era puro como o lyrio, emolduravam-n'o os aneis abundantes dos seus cabelos louros e sedosos. No limpido fulgor dos seus grandes olhos azues e scismadores, reflectia-se a adoravel candura, a simplicidade desprerenciosa e ingenua d'alma pura como as candidas rosas de Corintho.

Quando Genesio a viu pela primeira vez, ella executava ao piano, uma d'essas tristes melodias de Pergoreze.

A sua organização nimamente debil como a da sensitiva, parecia soffrer então uma forte emoção; é que os sons harmoniosos do instrumento, traziam-lhe á lembrança saudades da mãe que acabava de perder, e por quem ainda vestia lucto pesado.

A notavel belleza da moça, produzio em Genesio uma profunda impressão, uma d'essas impressões que se recebe uma unica vez na vida—e nunca mais se apaga. Quando Evangelina ergueu-se do piano com os olhos marejados de lagrimas, encontrou-se com Genesio. O olhar de ambos crusouse como um relampago, e n'aquellas duas almas que se encontravam pela vez primeira na vida, passou o que quer de mysterioso; porque instinctivamente estremeceram e abaixaram os olhos. Evangelina por uma d'essas singulares intuições que Dens concede a certos espiritos privilegiaes, tudo advinhara, sentindo-se ao mesmo tempo ferida por uma cruel apprehensão.

« O coração da mulher, diz Octavio Feuillet, é um orgão infinitamente mais delicado que o do homem. Parece que a sua sensibilidade sempre tendida e vibrante é avisada por fluidos mysteriosos, fazendo-a advinhar antes de terem comprehendido. » Quanto a Genesio, lembrando-se da palavra que dera ao tio, e incapaz de transigr com as promessas feitas á noiva, resolveu á todo o custo soffocar os germens da sua recente inclinação. Sentindo instinctivamente a impe-

riosa necessidade da solidão, fugia sempre da casa do tio, evitando-a o mais que lhe era possível, mostrando-se em extremo frio e reservado para com Evangelina, e repellente tacitamente toda a occasião que se lhe offeria de fallar-lhe, nos curtos instantes em que ficava a sós com ella. Muitas vezes mesmo no meio da conversação animada e alegre da noiva, que na sua gentil garridice e quasi infantil loquacidade lhe ia descobrindo todos os bellos predicados que tanto distinguem a amiga, elle arrastado por uma indifinivel melancolia, ficava longo tempo em silencio, a fitar tristemente as formosas nuvens que esmaltavam a cupula celeste, a interrogar sem duvida os arcanos das regiões ignotas do infinito. A ingenua menina acostumada ás excentricidades do noivo, sempre tão calado, tão frio nem de leve suspeitava a mudança d'aquelle coração que já lhe não pertencia.

ANALIA FRANCO.

(Continúa)

## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

CONTEMPORANEAS

Lemos de um folego o mimoso livro com que fomos brindado pelo delicado poeta Augusto de Lima.

É um livro synthese—a vitrine de todas as joias da alma artistica do moço. Uma harmonia pereune canta em todas as paginas.

Aqui no esconso montal de rosas o bandurreiro lyrico de uma guala terna, ferido por delicados dedos finos, acolá o estrepito clangoroso das fanfarras fortes reboando pelas quebradas ou levantando um barulho heroico no grande silencio verde.

No perystilo do livro a gente encontra uma theoria de sombras mysteriosas, a psyché vibrante do poeta—todas as illusões em ala funebre, todo o passado do coração de sentinella.

Vai-se passando de petala em petala até que se encontra a plena grandeza, a alma forte, a grande força do poeta nos versos retumbantes, fecundos de luz e de inspiração, bellos no colorido, grandes na concepção, purissimos no alcance. Assim nos *Ferreiros* a par do muito ouro e da musica do soneto, sobe e cresce e enche todos os versos o cycloptico bater do malho laborioso arrancando chispas do ferro, chispas loucas « orvalho de brazas para a flor luminosa do Porvir.»

O *Inquisidor* é uma outra poesia de feição altiva, valente e correctissima na forma e ao lado dessas grandes estatuas ba miniaturss primorosas, bibelots delicados, quadrinhas e sonetos ternos de uma textura cellinica e de um colorido alegre.

Não cabe mais em uma noticia leve. O nosso amigo Coelho Netto, no proximo numero, tratará nuunciosamente do livro.

LHA.

## NEM VIVER NEM MORRER

Si foi por mal não sei; sei que fizeste  
Nest'alma grande mal! — fizeste-o quando,  
Indo eu me separar de ti chorando,  
Nos braços teus esta prisão lhe deste...

Talvez que todo o mal me não quizesse  
Fazer-lhe... mas na infancia, os dous brincando,  
Ao teu sorriso fui me acostumando,  
Que tu mesma com elle não pudeste.

Hoje, longe de ti, não sei, querida,  
Nem viver, nem morrer!... Eis como a sorte,  
Aguilha enferrujada, vae perdida

A oeste, a leste, ao sul... jámais ao norte:  
Quero morrer... mas como, sem mais vida?  
Quero viver... mas como, si isto é morte?...

EDMUNDO DE BARROS.

## Geoffroy Rudel e Melisanda de Tripoli

(H. HEINE)

No castello de Blay, nas muralhas, vêm-se ostapetes que a condessa de Tripoli bordára out'ora com as suas industriosas mãos.

Bordára n'elles toda a sua alma e lagrimas de amor enospáram essas télas de seda que representam a scena seguinte:

Como a condessa avistou Rudel expirante na praia, o reconheceu logo nas suas feições o ideal dos seus desejos.

Rudel viu tambem ahi pela primeira e ultima vez a dama que sempre o encantára em sonhos.

A condessa inclina-se para elle, abraça-o com amor, e beija sua bocca impaledocida pela morte, a sua bocca que a havia cantado tnto.

Ah! o beijo da boa vinda foi ao mesmo tempo o beijo do adeus; esvaziaram conjunctamente a taça de felicidade suprema e da mais profunda dor.

No castello de Blay, todas as noites, ouve se um murmurio, um ruído, frémito vago; as figuras das tapeçarias começam de repente a viver.

O trovador e a dama sacodem os seus membros de phantasmas entorpecidos do somno; sahem da parede, passeiam nas salas. Ouvem-se, então, ditinhos eegredados, graciosos brinquedos, doces e melancolicas intimidades, galanteria posthuma do tempo dos cantores de amor.

« Geoffroy! o meu coração morto ee acorda á tua voz. Nas cinzas apagadas ha muito eu acho um brilho.

— Melisanda! venturosa flor! quando fito os teus olhos, revivo. Nada morreu em mim senão a minha dor, o meu soffrimento terrestre.

— Geoffroy! out'ora nós nos amámos em sonho, hoje nos amamos até na morte. O deus amor fez este milagre.

— Melisanda! Que é o sonho? que é

a morte? Nada mais que vãs palavras. Só no amor é que existe a verdade, e eu te amo ó minha eterna bella.

— Geoffroy! como se está bem n'esta sala, á luz da lua! Jamais desejaria ver o dia e os raios do sol.

— Melisanda! cara louca, tu mesma és a luz e o sol; em toda a parte, por onde passas, floresce a primavera, em toda a parte desabrocham delicias do amor e do maio.»

Assim fallam, assim andam pelas salas esses graciosos phantasmas, enquanto um raio da lua os escuta na janella arqueada.

Afinal, porém, ao primeiro clarão da manhã, fugiu a apparição encantadora; e elles sumiram-se, espantados, nas tapeçarias da muralha.

HORACIO DE CARVALHO.

## FUGITIVA

Ver-te e querer-te; procurar-te e quando  
Sei que me olhaste já te estás ausente  
E saber que te perco, inconveniente  
Se a todos eu por ti for perguntando;

Sentir que o teu olhar constantemente  
Nos meus olhos andava interrogando,  
E nos teus labios quasi adivinhando  
Um sorriso que a poucos se consente;

Crer-me amado de ti, sem ter ouvido;  
Amar-te e presumir que não te offendo  
E de repente acabar-me eó, perdido,

É' quasi morte! escreve, que se o medo  
Faz que em falsa esperanza eu vá viveudo,  
Antes prefiro um desgano cedo.

GUINARÃES PASSOS.

## COLLABORAÇÃO

CONTOS SINGELOS

NA ALCOVA

Palmira está sentada em um divan de veludo *grenat*, coberto de finissima renda, com a face apoiada a mão fina e branca e os meigos olhos azues fitos no tecto; sob a cascata dourada de seus longos cabellos alvejam-lhe o collo e os hombros nus, os pés pequeninos, rodados, repousam livres no tapete, e ella com a cabeça graciosamente derreizada sobre o encosto do divan scisma, scisma com os olhos fitos no tecto.

Em cima do uma mesinha de pào setim uma lampada cor de rosa eepalha pela alcova perfumosa e tépida uma claridade indeciza e phantastica, que a semelhança de um luar tenuissimo esbate-se suavemente na seda azul celeste da parede.

No mnrmore dos consólos misturam-se em artistica confusão fitas, rendas, luvas, e rosas despençadas; mais adeante brillam as joias abandonadas nas quais se destaca um magnifico diadema de pedras.

Junto a um leque meio aberto ve-se um ramo de violetas murchase ao fundo quasi occulto na penumbra, ergue-se o leito alvo e macio cercado de cortinas transparentes...

Atravez das vidraças, vê-se a massa escura das arvores do parque. Tudo é quieto, mudo; nenhum ruído perturba o mysterioso silencio da noite, e ella, no alcova perfumosa e tepida, com a face apoiada na mão fina e branca, revive na imaginação todos os episodios do baile da vespera...

El e lá estivera, e nas poucas vezes que se aproximara della, nem sequer uma palavra de amor lhe dirigira! Mas porventura é preciso a confissão dos labios quando os olhos se exprimem em uma linguagem mysteriosa e muda, mil vezes mais eloquente e expressiva?...

Com ella só dançara uma walsa; mas que walsa! Entontecedora, delirantes louca!...

Aos primeiros compassos arremesaram-se ao doido turbilhão, e voaram entrelaçados, as respirações confundidas, os olhos embriagadoramente embebidos nos olhos do outro!

E ella cerra docemente as palpebras julgando sentir ainda na cintura a ligeira pressão d'aquelle braço nervoso e tremulo... enlaquece.

La lóra a noite continua placida e eerena, ns estrellas brillam no firmamento e a lua, na sua ultima phase, derrama do alto uma claridade frontxa e mortiga; a aragem da noite passando no jardim leva o odor das boninase das madre-silvas, enquanto uns grillos impertinentes começam com seus gritos asperos um concerto monotono e irritante,

E Palmira, na alcova vagamente illuminada pela lampada cor de rosa, com a face apoiada a mão fria e branca e a

cabeça graciosamente derreida sobre o encanto do divan ecisma, scisma julgando ter na penumbra os olhos della brilhantes e negros, como a noite, nos quaes ella advinhara um poema inteiro de amor o paixão!...

LUCIA.

## THEATROS E DIVERSÕES

## O CACHIMBO DA VOVÓ

Se ha coisa difficil de classificar é uma estrêa. São tão illusorias as promessas humanas! E por isso as revistas allemães adoptaram o systema de logo que recebem um livro, pareça bom, pareça mau, cingirem-se a um extracto substancial do texto, chamando attenção apenas para as novidades da obra. O unico critico que não erra, porque sentecia sobre um inquerito completo, é o tempo. Não faremos todavia com a estrêa do Sr. Soares de Souza Junior o mesmo que os allemães, mas diremos com franquesa e rapidamente a impressõ subjectiva, que recebemos com a audiçõ do *Cachimbo da Vovó*.

A comedia parece-nos uma reminiscencia de um conto de Paulo de Kock, cujo titulo não nos occorre neste instante, mas cujo euredo gira todo sobre o pudor *nicotinic* de um rapaz, que, tendo-se casado com uma linda parizense, que abominava o fumo, e rezeioso de perturbar a paz do lar domestico, para entregar-se as voluptuosidades do vicio, sem ser percebido pela mulher, empregava mil subterfugios compromettedores perante o ciúmo, inclusive o de ir mysteriosamente esconder-se em uma agua furtada no *boulevard* mais proximo.

O *punto* foi, ao que nos parece, bem aproveitado pelo poeta comedigrapho e todas as scenas da comedia desenvolveram-se em torno da mania da *vovó* cujo unico esforço aqui, e felizmente, consiste em esconder das vistas da netiaha o seu *cachimbo* preto o cheio de sarro.

Devemos dizel-o, sinceramente os typos, principalmente o da *vovó*, foram deliniados com apuro, com *amore*, e os versos correm fluidos, picantes, sempre friccionados por um dito a *bout partout*. Quanto ao movimento, porém, é forçoso confessar, ha mais de uma situação em que como que o auctor hesitou; e essa hesitação torna-se tanto mais censível quanto a peça acha-se muitissimo bem ensaiada e por artistas, que para o genero nada deixam a desejar. Tudo isto, porém, pode resolver-se em hesitações do estreadante, e é bem possivel que esse defeito, que não o será para muitos, desapareça em um segundo trabalho, quando o poeta desassombrado de receios e mais senhor da platêa possa atirar-se, com o espirito que tem, a um trabalho que corresponda, em tudo por tudo, as tendencias do publico do Recreio Dramatico.

A execuçõ que os artistas deste theatro deram a comedia foi o mais lisongeiro possivel.

A actriz Balbina apresentou-nos uma photographia de velha *surnoise* como

melhor não se desejará; Magioli foi um boticario amantetico do genero *basilicão*, se não uma perfeita cataplasma com cantharidas. Livia e Mesquita estiveram no diapasão commum.

O Lucinda tem se dado muito bem com *O Homem*, e, por isto, depois de mandal-o passear a Praia Grande, chamou-o a scena, e vai dar-nos hoje, de novo.

A *Princesa Flor de Maio*, voltou mais garrida mais elegante e mais cheia de alegrias. O Heller promette cousa de *estouro* para hoje e amanhã, cousa nova, e... já se sabe muito ao nosso sabor.

No Principe.—Grande baile a phantasia. vai haver o diabo, hoje, e amanhã.

No Polytheama representou-se, na sexta-feira, e em beneficio da Provedencia Domestica, *O Poder do Ouro*.

O Recreio, queríamos dizer, o *Juca*, deu-nos na quinta-feira, em *primiere*, a comedia — *A mim não me embaçam* — em que o Guilherme da Silveira, deu prova de seu bom talento. A peça está escripta com certa ligeireza de phrase, uma phrase ampla, nova e pospontada a ditos chistosos. Boa casa e bem applaudido o *Juca*, digo, a peça.

Hoje dá-nos a dita e a supradita... Graude Avonida.

O nosso collega da *Gazeta da Tarde*, Luiz Reis Junior reuniu no dia 31 de Janeiro, em sua casa, muitos dos seus amigos que o forão cumprimentar pelo seu anniversario natalicio. Deu-nos uma festa muito intima a que satisfeitos assistimos, e d'onde gratas impressões trouxemos.

Muito obrigados pela amabilidade com que nos tratou o collega e amigo Reis Junior e sua gentil senhora.

Immenso, sumptuoso baile familiar, a phantasia, vai ter lugar no Congresso Gymnastico Portuguez, na noite de 11 do corrente. Aquillo vai ficar um brinco.

O Costa Junior, este musico alegre, vivo, e bohemio, está trabalhando para terminar a construcção musical da opera-comica em 3 actos, *Demonio da aldeia*, dos Srs. Figueiredo Coimbra e Azeredo Coutinho. Isto deve sahir uma boa cousa: o Coimbra e o Costa Junior, dois nomes que não são dois... pronomes.

LHA.

## FACTOS E NOTICIAS

DR. PARDAL MALLEY

Cbego de Pernambuco, o distincto moço Pardal Mallet, litterato de merito artista de tempera, auctor de uma novella *O Hospedo* escripta pelo molde naturalista e de um volume de contos *Meu album*, de que já demos noticia por esta folha.

Comprimntamolo.

Está nesta côrte, vindo do Ceará, o nosoio amigo Norberto Coutinho.

## O BERÇO D'ELLA

A BELCAR

Eu me lembro tambem do berço d'ella occulto em meio as nuvens de escumilha desse berço infantil que surge e brilha da tua mente na doirada tela.

Jamais esquecerás, junto d'aquella que o teu pezar e jubilo partilha, o leite em que dormia a tua filha, essa creança interessante e bella.

Entretanto, o que resta dos primores desse berço, de um anjo outr'ora abrigo, desse fructo gentil dos teus amores?

Tu bem o vês, o poeta e velho amigo! Em vez do berço—da tristeza as flores, em vez do fructo—um funebre jazigo.

EDUARDO DE CARVALHO.

## Diversas Publicações

*Revista de Engenharia*. N. 178. An. X. Contem bons trabalhos sobre architectura, industria, bibliographia e metallurgia, fechando o seu summario com as secções *Actos Officiaes*, e *Noticiario*.

*A queda de um anjo*. Tomos o fasc. 47 deste importante romance de Camillo Castello Branco.

*Revista Maritima*. Ns. 5 e 6. Anno VII. Insere bellos artigos sobre organisação do serviço metereologico da Europa, balística externa, theoria das minas subaquaticas e o emprego do oleo para agitações do mar, terminando com a sua excellente secção *Revista das Revistas*.

*Jornal dos Economistas*. N. 2 An. 3.º Traz varios e interessantes artigos sobre assumptos de interesse geral.

*Mequetrefe*. N. 448. Dá-nos boas caricaturas e magnifico texto.

Um exemplar da these inaugural do Sr. Dr. Luiz H. Vieira Souto, que dissertou sobre a—Therapeutica geral dos envenenamentos, do antidotismo e do antagonismo em toxicologia.—E' um trabalho utilissimo mesmo aos não profissionaes, e do seu valor scientifico, melhor do que o que possamos dizer, dil-o a nota de distincção com que foi approvedo pela commissão examinadora.

*Almanack da Casa Branca*, para o corrente anno, organizado pelos Srs. Wenceslau de Almeida e L. de Toledo.

Contem diversas indicações uteis ao publico e uma escolhida parte litteraria.

Prosperidades!

Os estimados papeieiros os Srs. Guimarães & Ferdinando mimosearam-nos com uma bellissima folhinha.

Mille grazie.

*Trze annos de magisterio*. E' o titulo que o Dr. Menezes Vieira, distinctissimo educador, deu a um volume de 191 paginas, em que estão reunidas as opiniões da imprensa sobre os trabalhos lectivos do seu collegio, actualmente fechado por motivos imperiosos.

Recebemos o 3 fasciculo das *Notas á Margem*, interessante chronica quinzenal que, a feijão das *Farpas* apparece nesta côrte devida a brilhante penna de Valentim Magalhães.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 31.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço de volume: 2\$000.

Constructores de machtas e apparelhos para lavoura—Schubert Irmãos & Haas.—Juiz de Fóra.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 23, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase paul creatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica do Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

Dr. André Rangol.—C. Rua Rua Quitanda n.99 Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury Muzambinho—Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho—Medico par teiro; Residencia, rua Viscondado de Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciais na cidade de Muzambinho e seu termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continua a receber icobranças por porcentagem razoavel dade Ouro Fino.

**Escola Normal da Corte.** De ordem do Illm. Sr. director interino, faço publico que do dia 1 a 10 de Fevereiro acham-se abertas na secretaria desta escola as inscrições para os exames da 2ª epoca.

A esta inscriçãõ serão admittidos não só os alumnos, sem dependencia de requerimento quanto ás materias em que estiverem matriculados, como tambem todos os individuos que o requererem, satisfazendo estes ultimos as condições exigidas nos ns. 1 e 3 do art. 11 do regulamento, e mais provando a identidade de pessoa, por meio de attestação escripta de algum dos professores e substitutos da escola ou de duas pessoas conceituadas, residentes no municipio da Corte.

Quando qualquer alumno pretenda prestar exame de matoria em que se não tenha matriculado, deverá requerel-o sem precisar provar identidade de pessoa.

Secretaria da Escola Normal da Corte 31 de Janeiro de 1888. — O Secretario, Joaquim Gomes do Amaral.

**Dr. Aristides Spinola**—Advogado, rua do General Camara n. 36.

**Dr. Rodrigues Lima**—Medico arteiro, rua de S. Pedro n. 56.

**Dr. Virgilio Gordilho**—Advogado, rua do General Camara n. 36.

**Leonel Roza**—Advogado. Encarrega-se de causas, perante o jury.

**Dr. Coelho Lisboa**—Advogado rua dos Ourives n. 21.

**Dr. Ratisbona Filho**—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

**Dr. Luiz Murat**—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

**Dr. Aristides Lobo**—Advogado, rua dos Ourives n. 21.

**Dr. João Ribeiro**—Medico e especialista em molestias de criança e siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

**E. GAMBÁRO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

**Relojoeiro**—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

**Pharmacia Americana** de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# HIPPODROMO GUANABARA

PROGRAMMA

## DA SETIMA CORRIDA

A REALIZAR-SE

EM 5 DE FEVEREIRO DE 1888

1º pareo—NITEROY—850 metros—Animaes nacionaes de menos de meio sangue, que não tenham ganho este anno nesta distancia—Premios: 200\$ ao primeiro, 40\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada

Ns.	NOMES	IDADE	PELLO	NATURALIDADE	PESOS	PROPRIETARIOS
1	Serodio.....	5 annos	Castanho.....	Rio Grande.....	56 kilos	Coudelaria Hannoveriana.
2	Fidalgo.....	2 »	Zaino.....	S. Paulo.....	52 »	L. A. R.
3	Barbára.....	5 »	Tordilho.....	Rio Grande.....	57 »	Coudelaria Santa Cecilia.
5	Madrid.....	3 »	Baio.....	Rio de Janeiro.....	51 »	J. C. Cidade.
5	Orione.....	5 »	Alazão.....	Idem.....	56 »	Oliveira Braga.
6	Guacho.....	4 »	Chita.....	Rio Grande.....	56 »	M. G.
7	B. Pitussu.....	5 »	Zaino.....	Idem.....	56 »	J. Machado.
8	Buchinha.....	4 »	Castanho.....	S. Paulo.....	53 »	Idem.
9	Compasso.....	4 «	Vermelho.....	Idem.....	55 »	A. Pinheiro.
10	Moema.....	5 »	Zaino.....	Idem.....	57 »	C. C.
11	Verbena.....	4 »	Castanho.....	Rio de Janeiro.....	55 »	Coudelaria Santa Cruz.

2º pareo—PROVINCIA—1.300 metros—Animaes estrangeiros de 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada

1	Aida.....	3 annos	Castanho.....	Inglaterra.....	48 kilos	D. Julia Vieira.
2	Trumps.....	3 »	Alazão.....	Idem.....	50 »	L. S. P.
2	Rapid.....	3 »	Idem.....	Idem.....	50 »	Vianna Junior.
4	Cinira.....	3 »	Idem.....	Idem.....	48 »	J. A. S.
5	Pharsalia (ex-Victoria).	3 »	Zaino.....	Idem.....	48 »	J. C. Babo.
6	Hexe.....	3 »	Idem.....	Rio da Prata.....	60 »	D. A.
7	Girl.....	3 »	Idem.....	Inglaterra.....	50 »	P. O.
8	Ormond.....	3 »	Castanho.....	França.....	50 »	F. M.
9	Yara.....	3 »	Idem.....	Inglaterra.....	48 »	V. M.
10	Sterlina.....	2 »	Alazão.....	França.....	48 »	Coudelaria Excelsior.

3º pareo—HIPPODROMO GUANABARA—1.800 metros—Animaes de qualquer paiz até puro sangue—Premios: 800\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada

1	Veloutine.....	4 annos	Zaino.....	França.....	52 kilos	A. M. P.
2	Elza.....	4 »	Idem.....	Inglaterra.....	50 »	J. P. Castro.
3	Walter.....	5 »	Castanho.....	Idem.....	54 »	S. M.
4	Le Loup.....	6 »	Zaino.....	França.....	54 »	Coudelaria Internaciõ.
5	Perle.....	5 »	Idem.....	Idem.....	52 »	Oliveira J. & Lopes.

4º pareo—DR. PAULO CESAR—1.500 metros—Animaes nacionaes de meio e puro sangue—Premios: 500\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada

1	Minerva.....	3 annos	Castanho.....	Paraná.....	48 kilos	A. M. P.
2	Mandarim.....	5 »	Rosilho.....	S. Paulo.....	54 »	M. G.
3	Monitor.....	4 »	Castanho.....	Idem.....	56 »	F. M.
4	Druid.....	5 »	Tordilho.....	Rio de Janeiro.....	54 »	Oliveira J. & Lopes.
5	Violão.....	5 »	Alazão.....	S. Paulo.....	51 »	Coudelaria Alliança.

5º Pareo—COMMENTADOR POSSOLO—1.450 metros—Animaes estrangeiros que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada

1	Siva.....	4 annos	Alazão.....	Inglaterra.....	50 kilos	Coudelaria Hannoveriana.
2	Aida.....	3 »	Castanho.....	Idem.....	48 »	D. Julia Vieira.
3	Pharsalia (ex-Victoria).	3 »	Zaino.....	Idem.....	48 »	J. C. Babo.
4	La Broja.....	4 «	Idem.....	Rio da Prata.....	50 »	Mario Souza.
5	Scyla.....	5 »	Castanho.....	Inglaterra.....	54 »	F. M.
6	Perle.....	5 »	Zaino.....	França.....	52 »	Oliveira J. & Lopes.
7	Sterlina.....	2 »	Alazão.....	Idem.....	46 »	Coudelaria Excelsior.
8	Castiglione.....	4 »	Zaino.....	Idem.....	52 »	Coudelaria Santa Cruz.

6º pareo—CONDE DE HERZBERG—1.450 metros—Animaes nacionaes até meio sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 300\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada

1	Intima.....	5 annos	Castanho.....	S. Paulo.....	56 kilos	D. A.
2	Araby.....	5 »	Alazão.....	Rio de Janeiro.....	54 »	Coudelaria Carioca.
3	Catana.....	5 »	Douradilho.....	S. Paulo.....	51 »	J. W.
4	Boyardo.....	5 »	Alazão.....	Idem.....	56 »	M. P.
5	Hirondelle.....	3 »	Zaino.....	Idem.....	48 »	P. L.
6	Naestro.....	4 »	Tordilho.....	Idem.....	52 »	A. Pinheiro.
7	Druid.....	5 »	Idem.....	Rio de Janeiro.....	56 »	Oliveira J. & Lopes.
8	Violão.....	5 »	Alazão.....	S. Paulo.....	54 »	Coudelaria Alliança.
9	Biscaia.....	5 »	Zaino.....	Idem.....	54 »	Idem Santa Cruz.

Rio de Janeiro, 4 de Fevereiro de 1888

O 1º secretario, AFFONSO A. NUNES